O ESTADO DE S.PAULO
Publicado em 29/12/2024 - 06:00

Falta de ponte causa atrasos, prejuízo e medo

Rotina difícil

Sem ponte, temor de desemprego e tempo perdido na travessia por barco

Muitos moradores de Aguiarnópolis (TO) trabalham em Estreito (MA), sete vezes mais populosa; caminhoneiro chega aguardar 5h em fila por balsa e paga até R$ 265

ANDRÉ SHALDERS
ENVIADO ESPECIAL A ESTREITO (MA)

Em uma semana, a queda da Ponte Juscelino Kubitschek de Oliveira, entre as cidades de Estreito (MA) e Aguiarnópolis (TO), mudou a vida dos moradores das duas cidades e o tráfego de cargas na região. O transporte com caminhões na BR-226 agora envolve um trecho de balsa, com filas de cinco horas e custo de até R$ 265. A economia local também foi impactada pela queda no comércio.

Para quem segue de carro, a travessia, que podia ser feita em 15 minutos, agora leva cerca de uma hora e meia. Com isso, moradores de Aguiarnópolis temem perder os empregos em Estreito. "Aguiarnópolis é como se fosse um bairro de Estreito", explica o vereador tocantinense Elias Júnior (Republicanos). Enquanto o município tem 4.537 habitantes, Estreito conta 34.353, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE).

"A maioria dos moradores depende de Estreito para trabalhar, para ter renda. Então, isso afeta. Não é fácil ver um morador conhecido dizer que está com dificuldade, com risco de perder o emprego", diz o vereador. No domingo passado, ele gravava um vídeo para denunciar as más condições da ponte quando a estrutura colapsou, deixando 9 mortos e oito desaparecidos até o momento.

Kayk Júnior, de 19 anos, mora em Aguiarnópolis e faz curso técnico de enfermagem em Estreito. Agora, precisa pagar R$ 5 por trecho, para ir e voltar de barco. "E ainda tem mais R$ 10 de carro até chegar em casa."

O eletricista Mateus Maciel, de 23 anos, é o dono de um dos barcos que fazem o percurso. "Até que dá para ganhar um dinheiro, quem fica direto. Eu só faço isso (*transporte*) na minha folga", diz ele, que estava no rio quando a ponte caiu.

Na prática, o Rio Tocantins não é todo navegável. De um lado, a área onde a estrutura colapsou é limitada pela Usina Hidrelétrica Estreito, inaugurada em 2012. De outro, por um trecho raso chamado de "pedral". Por isso, apenas barcos pequenos fazem a travessia entre os municípios.

Economia em queda
Comércio relata perdas e restaurantes voltados a caminhoneiros tiveram de interromper atividade

Geraldo Pereira de Araújo, de 68 anos, trabalha em fazendas do lado tocantinense, mas mora em Estreito. Na sexta-feira, acordou às 2 horas para levar implementos agrícolas de caminhão até as fazendas. A viagem, antes feita em poucos minutos, agora leva várias horas, contornando por Imperatriz.

Com menos caminhões trafegando naquele trecho da BR-226, parte da Rodovia Belém-Brasília, o comércio em Estreito sofre com a queda de fregueses. Alguns restaurantes, voltados para caminhoneiros, interromperam as atividades. O mesmo ocorreu em Aguiarnópolis.

ALTERNATIVA. Em Porto Franco (MA), a 30 km de Estreito, é possível atravessar o rio de balsa em direção a Tocantinópolis. Mas é preciso aguardar entre 4 e 5 horas na fila – já a operação de embarque, travessia e desembarque dura uma hora. Os preços variam de R$ 5,50 (motos) a R$ 265 (caminhões de nove eixos, carregados).

O caminhoneiro Paulo Oliveira, de 40 anos, estava na fila ontem para fazer o percurso – a balsa só consegue transportar um veículo grande, como o dele, por vez. Levava uma carga de 50 toneladas de fertilizantes de São Luís para Mato Grosso.

"Se for por Carolina (MA), aumenta quase 100 km. Por Imperatriz (MA), a mesma coisa. Vindo por aqui são 20 km, só que tem o transtorno da balsa", explica Oliveira. "Eu passei na ponte no sábado (*o colapso foi no domingo*). Minha esposa disse que foi um livramento."

RESGATE. Na noite da sexta-feira, o Corpo de Bombeiros do Maranhão notificou ter localizado outra vítima do acidente. Ontem, porém, constatou que se tratava de uma pessoa já encontrada, mas que ainda estava presa no fundo do rio. Mergulhadores puderam retomar os trabalhos, após o Departamento Nacional de Infraestrutura de Trânsito (Dnit) atestar a segurança dos pilares da ponte. ●

WELTON JUNIOR/ESTADÃO

Para a população, percurso entre as cidades custa R$ 5 e só pode ser feito em embarcações pequenas

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole **Caderno:** A **Pagina:** 13

Copyright © Clipclap 2025.